

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DIGITAIS DO FASCISMO DISSIMULADO À INFOCRACIA¹

DIGITAL CONCENTRATION CAMPS FROM COVERT FASCISM TO INFOCRACY

José Luiz Balestrini Junior²

Resumo

A partir das ideias de Umberto Eco sobre ur-fascismo e da união desse conceito com o que Pier Paolo Pasolini escreve sobre a homogeneização da cultura como sendo uma tendência fascista, no presente artigo apresentamos, a partir de uma construção histórica, uma reflexão sobre o que denominamos como fascismo algorítmico. Defendemos a hipótese de que na contemporaneidade, vivemos em bolhas digitais que podem ser consideradas campos de concentração digitais, onde os indivíduos entregam sua energia e tempo de vida, trabalhando apenas para a manutenção do próprio sistema. Para apoiar nossas ideias, dialogamos com autores da teoria da comunicação como Norval Baitello Jr, Malena Contrera, Byung-Chul Han, entre outros.

Palavras-chave: Fascismo. Infocracia. Pensamento Simbólico. Arquétipo.

Abstract

Based on Umberto Eco's ideas about ur-fascism and the union of this concept with what Pier Paolo Pasolini writes about the homogenization of culture as a fascist tendency, in this article we present, based on a historical construction, a reflection on the which we call algorithmic fascism. We defend the hypothesis that in contemporary times, we live in digital bubbles that can be considered digital concentration camps, where individuals give their energy and life time, working only to maintain the system itself. To support our ideas, we spoke with authors of communication theory such as Norval Baitello Jr, Malena Contrera, Byung-Chul Han, among others.

Keywords: Fascism. Infocracy. Symbolic Thinking. Archetype.

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DIGITAIS

Na década de 1960, o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (2018) descrevia um fenômeno que ainda tomava forma, mas que já podia ser observado por olhos atentos. O fascismo tornava-se cada vez mais dissimulado. O autor dizia que, antes daquele tempo, era fácil e direta a percepção de

¹Trabalho apresentado ao Eixo Temático Mídias terciárias: o humano capturado pela rede midiática do VIII ComCult Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

² Doutorando em Comunicação na Universidade Paulista – UNIP. E-mail: balestrini@lungfu.com.br. O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES – Código de financiamento 001.

um fascista, pelo simples fato deles andarem uniformizados e terem orgulho de ser reconhecidos como tal. Porém, em sua época, ficava cada vez mais difícil reconhecer fascistas, simplesmente porque eles não andavam mais com as mesmas roupas, estavam, portanto, disfarçados então entre os não fascistas. Isso faz parte do que Pasolini vai chamar de homogeneização da cultura, condição imposta pela invasão do capitalismo nas suas mais diferentes formas, resultado também do imperialismo estadunidense. A partir daquelas mudanças, você poderia sentar-se ao lado de um fascista e não saber que era isso o que estava acontecendo. A homogeneização da cultura transformava todos em massa sobe o disfarce da liberdade de escolha.

Uma das principais marcas da sociedade de consumo é o exagero (MORIN, 2007). Exatamente por isso, a vida vai tornando-se cada vez mais supérflua como resultado de uma transformação que se dá através do hiperconsumo de coisas e serviços também supérfluos. O capitalismo, assim como o fascismo, conta com a massificação, ela é parte da estratégia de dominação. Assim, na sociedade de consumo, o inimigo fica deslocado. O fascismo ortodoxo não existe mais, não há mais a figura de um líder a ser seguido pelos que acreditam numa causa, nem para ser culpado pelo comportamento da massa por aqueles que são contra a tal causa. Na cultura homogeneizada que se construía, o indivíduo massificado passava a acreditar que era líder de si mesmo, seguindo um ideal de liberdade que era caracterizado, na verdade, pelo estabelecimento cada vez sólido da sociedade e da cultura da produção e do consumo desenfreados (PASOLINI, 2018).

Cerca de trinta anos depois dessas publicações de Pier Paolo Pasolini, um pensador que também viveu no próprio corpo a tentativa de lavagem cerebral fascista, produziu um texto importante para compreendermos os mecanismos psicológicos e comportamentais do fascismo. Umberto Eco publicou na década de 1990, a partir de conferências, seu ensaio chamado *O fascismo eterno* (2018). O mais importante para a nossa análise do fenômeno está no fato de que, nesse texto, Eco revela características humanas que atuam como pano de fundo do sistema político que ficou conhecido como fascismo. Obviamente que a expressão do fascismo como forma de governo é extremamente importante, mas é exatamente por deixarmos de lado o que está por trás do fenômeno que ele continua se manifestando. Por isso, no presente artigo nossa preocupação é com os valores psicológicos que estão na base do pensamento e das ações fascistas e não necessariamente no fascismo como sistema político.

A partir das ideias de Eco, estabelecemos, em trabalhos anteriores, o conceito daquilo que denominamos como fascismo arquetípico como sendo a possibilidade inata da manifestação ou irrupção de valores e pensamentos fascistas em qualquer indivíduo, que acontece quando eles encontram correspondência, reverberação e confirmação no mundo de forma coletiva (BALESTRINI JR; CONTRERA, 2021). Como toda manifestação arquetípica, ela só precisa das condições ideais para surgir de maneira contundente através do comportamento dos indivíduos (JUNG, 2018).

Malena Contrera chama atenção para um fenômeno atual que também pode ser comparado com outros mecanismos de funcionamento que estão por trás do comportamento fascista, a autora fala do rebaixamento cognitivo e da consciência causados pelo uso exagerado das telas (CONTRERA, 2021). Uma parte importante da estratégia utilizada pelo partido fascista na Itália (ECO, 2018), assim como pelo nazismo na Alemanha (JUNG, 1988) foi exatamente o rebaixamento da consciência e, conseqüentemente, da capacidade reflexiva racional dos indivíduos para que eles funcionassem como partes massificadas das engrenagens de dominação que estavam sendo construídas.

Em seu livro *A era da Iconofagia* (2014), Norval Baitello Jr. revela como na sociedade contemporânea o indivíduo passa de produtor e consumidor de imagens exógenas, ou seja, imagens produzidas tecnicamente, para uma situação em que ele mesmo é aprisionado por elas. É uma condição circular onde, enquanto o ser humano devora as imagens, é devorado por elas. Esse fenômeno, que começou e marca as nossas experiências víveis, parece, inclusive, avançar invadindo até mesmo o mundo onírico (BALESTRINI JR, 2023; JUNIOR; CONTRERA, 2023). Hoje, encontramos uma parte grande da população sedada, direcionando seu tempo e energia vital para as telas, deixando seu corpo cada vez mais inerte, utilizando praticamente somente a visão e a audição para se adaptar ao mundo controlado pelo funcionamento de algoritmos através das imagens exógenas (BAITELLO JR, 2012).

Tornou-se comum que pesquisadores da área da comunicação, com razão, apontem o quanto o papel da desinformação e das *Fake News* é importante para o controle das tendências comportamentais políticas e sociais da população (BALESTRINI JR; CONTRERA, 2021), porém, Byung-Chul Han propõe uma ampliação para refletirmos sobre o problema. O autor acusa como uma das raízes desse fenômeno a perda do lastro com a verdade dizendo que, nesse sentido, é o excesso de informações, sejam elas verdadeiras ou não, umas das coisas que impulsionam a disseminação das

notícias falsas (HAN, 2022). O que nos parece é que, mesmo que a informação divulgada tenha alguma relação com a verdade, isso tornou-se irrelevante. Segundo Albert Camus (1961), tudo aquilo que sabemos sobre o mundo só é verdade na mesma medida em que é também aproximativo, pois o mundo se transforma no momento em que julgamos conhecê-lo. A enxurrada de informações, mesmo que parcialmente ou aproximadamente verdadeiras, que invade a mente das pessoas na sociedade mediática acaba reforçando também a disseminação de informações completamente falsas ou com pouco ou quase nenhum dado de realidade. É um mecanismo complicado e, de certa forma, sujo, de dominação para o qual parece não haver saída.

Retomando as ideias de Byung-Chul Han, vivemos então, na contemporaneidade, dentro de um regime infocrático, onde encontramos a dominação à serviço do capitalismo da informação. Se trata de uma situação em que o sujeito submisso enxerga a si mesmo como livre, autêntico e criativo, mas que não passa de escravo de um totalitarismo sem ideologia, onde a pessoa, antes massificada, é singularizada pela crença errônea de possuir identidade e exclusividade através da sua própria produção mediática (Han, 2022).

Acreditando em tudo isso, o indivíduo entrega seu bem mais precioso, seu tempo de vida para o controle algorítmico. O que enxergamos aqui é praticamente trabalho forçado, dissimulado pela ideia de que existem escolhas, mas que na verdade não contribuem para o desenvolvimento do ser humano tanto do ponto de vista individual como coletivo. Trata-se da mediatização de si mesmo, do abandono do corpo (LE BRETON, 2003), das suas funções cognitivas e imaginativas (JUNIOR; CONTRERA, 2023). Através de uma visão que pode ser considerada pessimista por muitos, porém que acreditamos precisar ser dessa forma pois, se não causarmos alarde quase nada muda pela força da inércia que toma conta da vida humana, tratando da nossa situação atual como espécie, sociedade e cultura, procuramos no presente artigo refletir e amplificar as discussões acerca desses fenômenos.

Observando essa situação, não achamos exagero falarmos então de campos de concentração digitais, onde o ser humano escravizado, trabalha pela manutenção do próprio mecanismo que o aprisiona. Para a produção do texto, trouxemos também dados quantitativos que suportam a ideia de que o interesse pelo tema fascismo, além de continuar presente entre a população em geral, vem crescendo nos últimos anos. Apresentamos também a reflexão sobre uma possível atitude que pode ser útil na construção de pensamentos e comportamentos que mudem a direção do futuro distópico para o qual parecemos caminhar.

O FASCISMO ALGORÍTIMCO

Retomando o pensamento de Byung-Chul Han que afirma que nesse momento a guerra pelo controle e dominação neoliberal do humano está sendo travada através do exagero da informação (HAN, 2022), podemos traçar paralelos com o conceito da enantiodromia cunhado pelo filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso que viveu no século IV a.C. Heráclito descrevia, através dessa ideia, a tendência natural de uma força da natureza transformar-se no seu contrário. O psicológico suíço C. G. Jung retoma esse pensamento, observando o mesmo tipo de funcionamento na psique humana, onde, nesse caso, um comportamento ou uma ideia consciente exageradamente unilateralizada fará com o que seu contrário atue de forma inconsciente na psique direcionando e determinado tanto o comportamento individual quanto o coletivo (JUNG, 2011a). Especificamente para o nosso tema, podemos resumir isso da seguinte maneira: liberdade demais aprisiona.

Edgar Morin explica como a espécie humana é caracterizada por uma vontade natural de extrapolar limites (MORIN, 1979) e, do ponto de vista da psicologia, os limites são importantes para a construção da personalidade do indivíduo (JUNG, 2011b). Se a pessoa não tem a necessidade, durante seu desenvolvimento, de desenvolver estratégias comportamentais, psicológicas e corporais para vencer limites, acabará, na vida adulta, com um aparelho psíquico desestruturado e infantilizado; provavelmente incapaz de lidar com os obstáculos que a vida pode oferecer, assim como de criar saídas criativas ou mesmo expressões e ideias novas e/ou inovadoras (LÓPEZ-PEDRAZA, 2002). Na contemporaneidade o paradoxo é o seguinte: a sociedade midiática e neoliberal apresenta tudo como singularidade quando, na verdade, as escolhas possíveis são determinadas pelo funcionamento algorítmico. A invasão dromocrática das imagens exógenas não permite o tempo lento necessário para o exercício do pensamento simbólico (CONTRERA, 2016). Dessa forma a criatividade anímica fica negada. O indivíduo acredita estar sendo criativo, quando na verdade está agindo de acordo com a dominação algorítmica. É uma espécie de liberdade para escolher entre aquilo que já foi escolhido, o que, obviamente, pode parecer exercício de escolha e singularidade, mas na verdade é manipulação e massificação.

Antes mesmo de levarmos em consideração as características fundamentais do ur-fascismo segundo Umberto Eco (2018), encontramos aqui um efeito comum entre o regime fascista e a

sociedade midiática. Algo que se impõe na vida individual e coletiva, transformando o cotidiano e a cultura: a massificação. No nosso ponto de vista, a massificação, como efeito e também como mecanismo de dominação, é indicação suficiente que na contemporaneidade o fascismo arquetípico se manifesta através do aprisionamento dos indivíduos nas telas.

Para confirmar nossa hipótese, vamos lembrar que Eco (ECO, 2018) indica que bastaria uma da sua lista de 14 características para confirmarmos a manifestação do ur-fascismo. Para essa reflexão, escolhemos 3 delas. A primeira é a obsessão pela conspiração que Eco indica como sendo uma parte da raiz da psicologia do ur-Fascista. A ação dos algoritmos mantém os indivíduos aprisionados em notícias que reforçam esse tipo de pensamento. Isto está diretamente relacionado com a segunda característica que apontaremos aqui, a negação da diversidade. Como explicamos antes, apesar da singularidade ser utilizada como propaganda para que os indivíduos acreditem que estão manifestando sua liberdade na sociedade mediática, na verdade o que acontece é o contrário. Mais uma vez, os mecanismos algorítmicos mantêm o indivíduo aprisionado em bolhas de conteúdo.

Dentre os quatorze itens listados por Umberto Eco que podem definir o comportamento fascista, vamos dar destaque à somente três para o nosso artigo: a negação da diversidade, a obsessão pela conspiração e o empobrecimento linguístico. Não precisamos pensar muito para perceber que as bolhas algorítmicas produzem e reforçam essas três características. Aprisionados em bolhas, a diversidade fica negada pelo próprio mecanismo algorítmico, mas o que não passa de um reflexo de algo que é próprio com comportamento humano. A massa tende a se afastar de qualquer coisa ou valor que destoe ou cause desacordo interno na instituição. A pessoa identificada com valores fascistas irá evitar a qualquer custo a manifestação da diversidade, porque ela pode ser causa de angústia e dúvida para o indivíduo e para a coletividade. A cultura do cancelamento tem como característica a incapacidade de lidar com o diverso.

A partir desse fenômeno, fica ainda mais fácil alimentar as teorias da conspiração mais insanas e irrealistas. Pudemos ver como as últimas duas eleições presidenciais brasileiras foram marcadas por notícias e acusações falsas que apenas tinham a intenção de causar medo e confusão do eleitorado. A obsessão pela conspiração retroalimenta a negação da diversidade, e vice-versa.

Por último, a utilização constante de gírias, abreviação e neologismos característica das redes sociais impregna o indivíduo desse costume em sua vida diária. Sem o exercício de uma linguagem

complexa, o empobrecimento linguístico é inevitável, e com ele o aumento do rebaixamento cognitivo e da crise do pensamento simbólico seguem sendo reforçados (CONTRERA, 2021).

Em resumo, esses são alguns dos argumentos que poderemos oferecer para defender a ideia de que vivemos em um regime que podemos definir como fascismo algorítmico. Na sociedade mediática, na era da iconofagia, o tempo de vida é doado pelo próprio usuário que trabalha para a própria rede, como se estivesse aprisionado em um campo de concentração, laborando em troca de nada. Encontramos aqui o fenômeno descrito por Byung-Chul Han como o autoritarismo da informação (HAN, 2022).

NÚMEROS QUE ASSUSTAM

Para apoiar nossa análise qualitativa do fenômeno, resolvemos buscar dados sobre o interesse acerca do tema do fascismo nos últimos anos na internet e em publicações científicas e podemos dizer que o resultado foi preocupante. Alguns autores da teoria da comunicação já utilizaram dados fornecidos pelo *Google Trends* para analisar comportamentos coletivos e compreender como o interesse pelas buscas de determinado tema podem revelar o funcionamento da massa (CONTRERA; TORRES, 2021; DA SILVA, 2019). Buscando contribuir com resultados que possam indicar que tendências comportamentais podem ser prognosticadas através de dados fornecidos por ferramentas desse tipo, pesquisamos o interesse pelo tema do fascismo através de buscas feitas no *Google* entre os anos de 2010 e 2022. Ao mesmo tempo, utilizamos dados do banco de dados *Dimensions* que faz a indexação de pesquisa científica no mundo inteiro. Nesse banco de dados, é possível obter dados que mostram a quantidade de artigos publicados de acordo como palavras-chave.

Apresentamos parte desses dados no gráfico apresentado na FIGURA 1. Para que fosse possível comparar as duas curvas, os dados foram normatizados. Apresentamos também as linhas de tendência correspondentes a cada curva utilizando um desvio padrão de 3 pontos por média móvel.

Apesar da variação que pode ser observada durante o período, não podemos ter nenhuma dúvida com relação ao crescimento que o interesse pelo tema teve com o passar do tempo, tanto do ponto de vista popular, quanto do ponto de vista acadêmico. É claro que os dados do *Google Trends* podem ter sido definidos exatamente pela busca científica pelo assunto. Porém, a partir desses números, não podemos dizer categoricamente que eles estão conectados ou desconectados, podemos

apenas perceber que as tendências das duas curvas caminham juntas para cima. Isso já é dado suficiente para nos preocuparmos, já que sabemos que esses dados podem indicar uma irrupção futura de algo que está funcionando como pano de fundo do comportamento da coletividade (CONTRERA; TORRES, 2021).

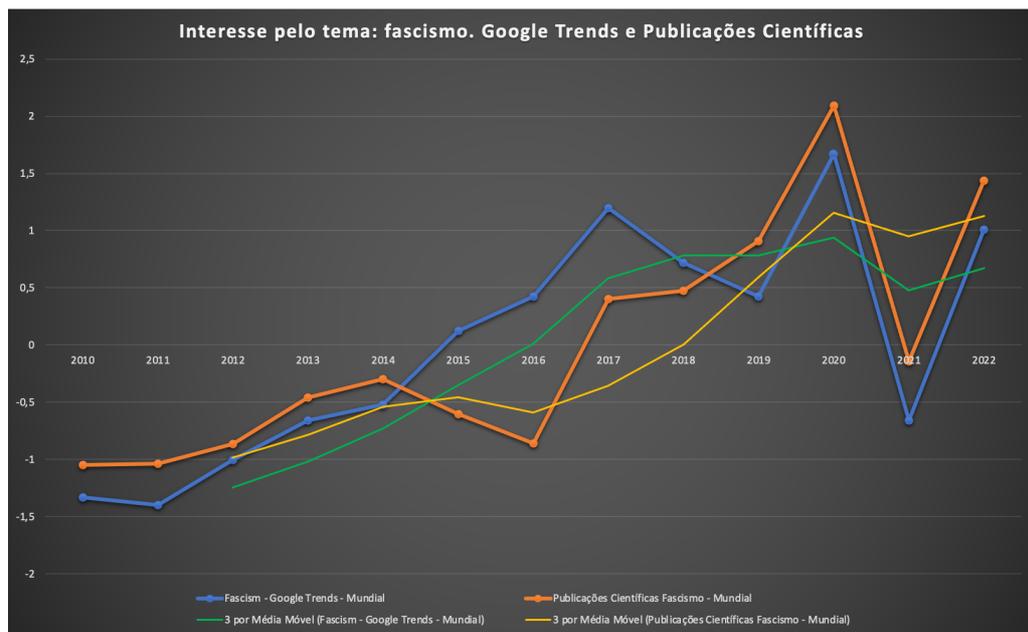


Figura 1 - Interesse pelo tema do Fascismo refletido em buscas no site Google e como tema de produções científicas (dados do banco de dados Dimensions). Os dados apresentados estão normalizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O anestesiamento é prazeroso (MORIN, 2007). Não somente pela tentativa natural de se livrar do desprazer de todas as maneiras possíveis, sejam elas saudáveis ou patológicas (PONTALIS; LAPLANCHE, 2001), mas também pela possibilidade de um retorno simbólico para o estado indiferenciado do pleroma inconsciente, onde, infantilizados, os indivíduos não precisam se preocupar em atuar no mundo concreto (NEUMANN, 1995). É a partir do exercício da consciência que surge a necessidade de tomar decisões, assumir responsabilidades e fazer renúncias que causam, naturalmente, angústia.

Talvez seja esse mecanismo parte importante daquilo que faz a manutenção do fascismo algorítmico. Na ânsia de evitar o desprazer, numa tentativa desesperada de retorno ao ventre da grande

mãe, aonde ainda somos inconscientes (JUNG, 2018), a massa acaba abdicando de sua capacidade reflexiva, abandonando o corpo (LE BRETON, 2003), entregando-se para esse estado de encantamento que quase causa a necrose dos sentidos (CYRULNIK, 1997).

O que pode nos salvar? Nós diríamos que apenas nossa capacidade simbólica, é para ela que apelamos para pensar e imaginar o mundo diferente e diferentes mundos (HILLMAN, 2019). O que aqui designamos como fascismo algorítmico é, na verdade, mais uma expressão de uma característica arquetípica, portanto humana. Sempre criamos diferentes termos para algo que é arquetípico, dentro do nosso tema encontramos, por exemplo, o neofascismo, a democratura, e a própria infocracia de Byung-Chul Han (HAN, 2022). Esse movimento é importante, porém, muitas vezes, definição e conceituação demais atrapalham mais do que ajudam. Precisamos olhar para a dimensão da psique objetiva, arquetípica. Criar termos e conceitos é uma cilada necessária: sem eles não poderíamos definir conscientemente os fenômenos, porém, unilateralizados, perdemos a dimensão arquetípica, simbólica e metafórica. É preciso fazer um exercício de pensamento complexo e paradoxal para que seja possível integrar esses aspectos que são constituintes da psique coletiva. Em outras palavras, a saída para não permitirmos que o fascismo arquetípico se manifeste, irrompendo no comportamento da massa, está em aceitar que este é um valor que habita a psique de todos nós. Quando fazemos esse exercício imaginal e simbólico, ganhamos capacidade reflexiva e podemos lutar para que o fascismo não surja de maneira literalizada e concreta em comportamentos cada vez mais destrutivos e auto-destrutivos (JUNG, 1988).

Mais uma vez, em nossa visão, somente através da imaginação simbólica podemos encontrar a chave para abrir os portões desses campos de concentração digitais onde nós mesmos decidimos nos aprisionar.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JR, N. **O pensamento Sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

BAITELLO JR, N. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. Paulus, 2014.

BALESTRINI JR, J. L. **Sonho, Imagem, Imaginação e o Coração Onírico**. São Paulo: Eleva Cultural, 2023.

BALESTRINI JR, J. L.; CONTRERA, M. S. A destruição do espírito crítico: uma expressão do ur-fascismo na atualidade. **Revista Mediação**, 2021.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo**. Livros do Brasil, 1961.

CONTRERA, M. S. Imagens endógenas e imaginação simbólica. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, 23, n. 1, 2016.

CONTRERA, M. S. Impactos persistentes da cultura de massas na comunicação: a crise da empatia e o rebaixamento cognitivo. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 44, p. 35-49, 2021.

CONTRERA, M. S.; TORRES, L. S. Reverberações simbólicas no Google Trends: uma análise do imaginário na internet. **Intexto**, n. 52, p. 98924, 2021.

CYRULNIK, B. **Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DA SILVA, Maurício Ribeiro. TROMPE-L'OEIL:(in) visibilidade da Umbanda na cultura brasileira. **LÍBERO**, n. 44, p. 44-55, 2019.

ECO, U. **O fascismo eterno**. Editora Record, 2018.

HAN, B.-C. Infocracia. **La digitalización y la crisis de la democracia**. 1ª ed. en castellano. Editorial: Taurus, 2022.

HILLMAN, J. **Uma investigação sobre a imagem**. Editora Vozes Limitada, 2019.

JUNG, C. G. **Aspectos do drama contemporâneo, Vol. X/2**. : Petrópolis, Vozes 1988.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Editora Vozes Limitada, 2011a. 8532641342.

JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. Editora Vozes Limitada, 2011b.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo Vol. 9/1**. Editora Vozes Limitada, 2018.

JUNIOR, J. L. B.; CONTRERA, M., 2023, São Paulo. **A eletrificação das imagens oníricas**.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. Papirus Editora, 2003.

LÓPEZ-PEDRAZA, R. **Dioniso no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo**. Paulus, 2002.

MORIN, E. O enigma do homem: para uma nova antropologia. *In: O enigma do homem: para uma nova antropologia*, 1979.

MORIN, E. Cultura de massas no século XX–Vol. 1, Neurose. **Rio de Janeiro: Forense Universitária**, 2007.

NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. Editora Cultrix, 1995.

PASOLINI, P. P. **Il fascismo degli antifascisti**. Garzanti, 2018.

PONTALIS, J.-B.; LAPLANCHE, J. Vocabulário da psicanálise. **Santos: Martins**, 2001.